Na casa de um bom amigo

Nas belas imagens de um museu vivo que retrata o passado e ainda vive no presente, eu estava vivendo um momento de nostalgia como se tivesse presenciado o magnífico momento da independência. Algo completamente fora de questão, pois nasci em 1988, a independência do Brasil já beirava os séculos. Talvez fosse o incrível acervo histórico e preservado do Museu do Ipiranga, talvez fossem as historias que leio sobre aquela época, ou até o excesso de estórias que vivo em minha cabeça, ou realmente os espíritos queriam passar uma mensagem para mim. Seja como for, eu no presente tempo vivi um momento no passado dentro daquele imenso museu que configura os passos de uma historia ainda viva.

As belas imagens pintavam retratos de um período único, os móveis demonstravam o conforto em que viviam aqueles homens nobres, a arquitetura superava as descrições de todos os livros, o jardim remetia vida que entrava nas salas com perfume de flores mesmo com o edifício monumental sendo quase vedado às ações do tempo. Era a arquitetura por quem eu me apaixonava e pela arte que eu enamorava, mas foi por uma escultura pela qual eu tive um profundo laço de amizade.

Logo que vi a escultura do ilustre Dom Pedro I eu senti como se eu estivesse vendo um amigo, daqueles que quando você está na casa dele você abre a geladeira e pega o que quiser sem peso na consciência. O grupo de visita se afastava e eu olhava a escultura do nobre homem com questionamentos sobre ela, colocando defeitos em uma escultura perfeita. Os defeitos não eram artísticos, mas sim sobre uma representação não real da ilustre figura. Na minha imagem mental, Dom Pedro I não era tão alto, nem com ombros tão fortes, sua barba tinha falhas que não eram apresentadas aos menos íntimos e sua cintura também não era tão grande. Eu refletindo sobre a imagem de minha mente

comparada a da escultura era uma perda de tempo, outra coisa que perdi foi a minha turma de visitação. Despedi-me da estatua como se tivesse despedindo-me um amigo e parti a procura de meu grupo.

Na minha busca entrei em um grande salão, com uma imagem que impressiona a qualquer um, Pedro Américo fez uma mágica e eu achando que ele era pintor. O Grito do Ipiranga ecoa até hoje, não pela altura do grito, mas sim beleza refletida de uma aristocracia que rugia para existir. A beleza cênica da pintura é notável, mas eu insistia que Dom Pedro estava mais bonito do que realmente era. Nos meus devaneios sobre a figura, eu senti um frio ardido batendo em minhas costas. Eu não dei bola para isso, o frio resolver bater um pouco mais forte. Quando olhei para traz querendo identificar o fluxo de ar responsável por me interromper, eu tomei um daqueles sustos que quase matam qualquer um. Pedro veio me fazer uma visita.

Perplexo com cena, eu tive um ataque tosse. Não era possível alguém vestido de imperador estar dentro do museu, parecia um insulto a uma figura tão ilustre. Se não fosse às palavras difíceis que saiam de sua boca e semelhança real da figura com aquela que ilustrava em meus pensamentos, eu não iria acreditar. No fim acabei deixando aquele homem falar e o tratei como se fosse o próprio Dom Pedro I. Trajado de um uniforme de gala, aparentando ter uns vinte e poucos anos, ele hora falava português hora francês. Se aquilo era uma pegadinha, admito que foi muito boa.

Depois de ele reclamar por alguns minutos e sua respiração acalmar, o sócia de Dom Pedro I percebeu que eu não entendia nada do que ele estava a falar. Bem mais compreensível, após a euforia de sua chegada, as palavras do imperador foram quase soletradas, como se ele fosse um adulto e tentasse falar com uma pequena criança, que neste caso era eu. Ele estava incomodado com os reparos que eu tanto fiz. Disse ele que

veio de sua nova casa, em um lugar mais feliz, para alertar-me de que passado é sempre idealizado pelas pessoas que vivem no futuro. Que poucos podem ver as coisas como elas realmente são e que eu deveria me atentar à minha vida presente e não na passada. Ele me deu um abraço como se um bom amigo. Antes de sair, ele deixou claro que a idéia de pintar o quadro daquela maneira foi minha, como se Independência do Brasil fosse realizada na margem do Ipiranga e assistida por nobre exército. O imperador também disse que eu era o responsável por deixar as imagens do passado mais belas do que realmente eram e depois simplesmente sumiu. Eu nunca tive tanto medo e felicidade nostálgica em um mesmo momento, mesmo assim fugi correndo para encontrar meu grupo.

Durante todo o resto da visita, eu só consegui pensar naquele devaneio, foi real e intenso de mais para mim. Quase indo embora eu vi um quadro de Dom Pedro I junto a sua corte, no fundo estava um homem quase idêntico a mim, apenas mais bonito em com trajes de gala. Impressionado com a semelhança, eu perguntei para funcionaria quem era aquele rapaz. Ela só sabia que era um amigo e fiel escudeiro do imperador. Daquele dia em diante, eu nunca mais vi o fantasma do imperador, mas confesso que segui seu conselho, vivo o presente mais atentamente e vejo o passado com menos nostalgia e fervor. Dom Pedro I, Pedro para os íntimos, mais que um imperador e o proclamador da Independência do Brasil, para mim, ele foi um ótimo amigo, que fique em paz aonde quer que esteja.